

SOUZA, Roberto Acízelo Quelha de. *O império da eloquência; Retórica e Poética no Brasil oitocentista. Rio de Janeiro/Niterói, EDUERJ/EDUFF, 1999. 279p.*

*José Luís Jobim**

No Brasil, as Faculdades de Letras parecem ter firmado um certo protocolo informal para instaurar uma divisão por áreas em que se separam nitidamente os estudos literários dos lingüísticos. Mesmo os órgãos de fomento à pesquisa reproduzem esta divisão, empregando os termos *Letras* – para designar a área literária – e *Lingüística* – para a outra. Contudo, é interessante assinalar que esta espécie de protocolo firmado no presente não leva em conta momentos anteriores de nossa história, quando o quadro de referências disciplinar era outro.

O trabalho de Roberto Acízelo de Souza, mapeando os quadros disciplinares do Colégio Pedro II – aquele que foi talvez a nossa mais destacada instituição de saber no século passado –, poderia fornecer-nos uma idéia de o quanto estes, no Brasil oitocentista, eram diferentes da nossa atualidade. Para começar, a Retórica estava presente de 1850 até 1891, seja isoladamente (1850-1857), seja compondo disciplina com Poética (1858-1878), ou com Poética e Literatura Nacional (1879-1891). E a Literatura Nacional só foi incluída no programa em 1877, como item secundário da cadeira intitulada Literatura – lecionada apenas no sétimo ano escolar –, a qual apresentava a seguinte subdivisão de conteúdo: 1 ponto teórico; 19 pontos de

* Universidade Federal Fluminense e Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

“literaturas antigas” (hebraica, grega e latina) e “modernas” (italiana, alemã, francesa, inglesa e espanhola); 7 pontos de literatura portuguesa e 3 pontos de literatura brasileira. Mesmo em 1879, quando se tinha uma cadeira intitulada Retórica, Poética e Literatura Nacional, de um total de 32 pontos desta cadeira, 17 eram de Retórica, 12 de Poética e apenas 3 de Literatura Nacional. Em 1881, quando a disciplina Retórica, Poética e Literatura Nacional era lecionada no sexto ano, 25 pontos tinham como conteúdo Retórica e Poética, e apenas 6 referiam-se à Literatura Nacional. Para os alunos do sétimo ano, a cadeira era de Português e História Literária, sendo que, dos 61 pontos, 29 eram de Português. Do trigésimo ponto em diante, os alunos estudavam a “origem da escritura, classificação das línguas e justificação das bases em que assenta a classificação”, e depois as literaturas do Egito, China, Pérsia, Índia, Palestina, Grécia, Itália, França, Espanha, Inglaterra, Alemanha e Portugal.

Em 1892, surge no currículo a História da Literatura Nacional, que vai permanecer até 1897, se não considerarmos o ano de 1895, no qual, em vez dela, temos a disciplina Literatura Nacional. Só a partir de 1898, teremos História da Literatura Geral e da Nacional.

Observe-se que as cadeiras de história das literaturas nacionais modernas na Europa datam do século XIX. Informam-nos Gumbrecht e Schnapp que a primeira cadeira plenamente remunerada de Língua e Literatura Alemã foi criada na Universidade de Berlim, em 1810.¹ Também nos EUA, até as últimas décadas do século XIX, o estudo de literatura nas faculdades era visto apenas como subsídio ou auxílio ao estudo de outra coisa – principalmente das línguas grega e latina, da retórica, da oratória, da argumentação jurídica. E, embora a idéia de tratar obras literárias como “literatura” já existisse nos EUA desde os anos 40 do século XIX, Gerald Graff afirma que ela “teve pouco efeito sobre o ensino na escola ou na faculdade até a

¹ GUMBRECHT, Hans Ulrich & SCHNAPP, Jeffrey. *An English Translation of the Preface to kinder-und hausmarchen gesammelt durch die bruder grimm (1819 Edition)*. Inédito. 26 p. p. 6.

formação da universidade moderna departamentalizada, nas últimas décadas do século”.²

Um dos aspectos mais relevantes do trabalho de Roberto Acízelo de Souza é o mapeamento das institucionalização do estudo de Letras no país, desde os seus primórdios no nível escolar, até a instalação dos cursos superiores.

Além disto, é importante assinalar que o seu livro desfaz alguns lugares-comuns, que têm passado como verdade, por desconhecimento histórico. É exemplar a crítica às ilações de Fernando de Azevedo sobre uma certa “turgidez do pensamento e do estilo, a tendência ao exagero e à desmedida”, que supostamente teriam se incorporado ao nosso “caráter nacional”, em função de os colégios jesuíticos terem, entre nós, imprimido “à cultura um caráter predominantemente literário e retórico”. Acízelo demonstra que, historicamente, a presença da retórica e do esquema disciplinar em que se inseria não era exclusividade brasileira, e que grande parte do que se considerava característica discursiva nacional, na verdade já fazia parte de repertórios anteriores e exteriores ao Brasil.

A obra de Roberto Acízelo de Souza é uma obra singularíssima, não só porque o autor faz o que diz ser seu objetivo – mapear os estudos de retórica e poética no Brasil do século XIX –, mas também porque, ao fazê-lo, acaba também lançando luz indiretamente sobre o quadro de referências dentro do qual se instalaram os estudos de Literatura Brasileira e História da Literatura, naquele momento, e ainda servindo de subsídio para os pesquisadores da história das idéias lingüísticas no Brasil. Ele percorre um itinerário bibliográfico raro, que só havia sido explorado anteriormente por Antonio Candido – em um subcapítulo da *Formação da literatura brasileira* – e Roberto de Oliveira Brandão – em sua tese de doutorado na USP e em mais um ensaio sobre os manuais de retórica brasileiros do século XIX.

² GRAFF, Gerald. *Professing Literature: an Institutional History*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987. p. 19.

Para concluir, não podemos deixar de chamar a atenção sobre o fato de que o *corpus* desta pesquisa encontra-se literalmente ameaçado de extinção física, pois – exceto por uma reprodução comemorativa da obra de Frei Caneca em 1972 e por uma reedição de segmentos de textos do próprio Caneca e de Junqueira Freire, em uma antologia organizada pela professora Edith Pimentel Pinto – a edição mais recente do universo bibliográfico relacionado à retórica e à poética do Brasil oitocentista data de 1886, e está virtualmente inacessível ao público. Assim, a decisão do autor de reproduzir integralmente nos anexos uma série de documentos relativos à sua investigação acaba não sendo apenas interessante para quem segue sua argumentação, mas também fundamental para a preservação do material reproduzido para futuros pesquisadores que desejem se debruçar sobre estes documentos.

Originalmente uma tese para titular de Literatura Brasileira na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, *O império da eloquência* que ora se publica foi revisto e aumentado, acrescentando-se novas seções e muitas outras informações preciosas que constam do cuidadoso levantamento efetuado por Roberto Acízelo, e que agora pode atingir um público mais amplo, editado pela EDUFF, na Coleção Ensaios, da Coordenação de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense, em co-edição com a Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Em resumo, trata-se de um livro indispensável às estantes universitárias.